



# **Biblioteca da Assembleia da República**

## **DOSSIER DE IMPRENSA**



## DIA A DIA

# O fim de Dias Loureiro

Traição, vingança, conspiração. A maior novela portuguesa contemporânea é o caso BPN. Já se sabia, mas ontem, com a audição de Oliveira e Costa no Parlamento, ficámos com a mais terrível das certezas: esta é a maior e também a mais indecorosa novela portuguesa dos tempos modernos, com manifesto reflexo na credibilidade dos políticos, dos partidos, dos banqueiros e das instituições. Os despojos finais do cavaquismo foram ontem penosamente exibidos por Oliveira e Costa no Parlamento. O antigo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais deixou claro que não tenciona ser o único culpado do caso BPN. Nem em termos judiciais, nem políticos.

Ficou claro, se ainda havia dúvidas, que a carreira pública e política de Dias Loureiro acabou e que não é minimamente sustentável a sua continuidade no Conselho de Estado. Cada dia que passar com o antigo ministro neste órgão serão machadadas na já pouca credibilidade das instituições.

Ficou também muito claro o desafio para a Justiça. Perante o extraordinário trabalho da comissão parlamentar - um verdadeiro oásis nos tempos que correm -, o Ministério Público está obrigado a abrir o caminho de saída do actual pântano. Doa a quem doer. É um caminho de sentido único, pois a alternativa é o descalabro total do País...

**EDUARDO DÂMASO**  
DIRECTOR-ADJUNTO





# ACTUALIDADE II



**PARLAMENTO** ■ DEPOIMENTO DO EX-PRESIDENTE DO GRUPO SLN/BPN

# Oliveira e Costa arrasa Dias Loureiro

■ **Conselheiro de Estado foi acusado de ter mentido em vários negócios. O 'CM' sabe que o ex-ministro de Cavaco Silva está a ser investigado e que o Conselho de Estado já foi informado**



● EDUARDO DÂMASO/DIANA RAMOS

O **conselheiro de Estado** Dias Loureiro está a ser investigado no processo do BPN e o pedido de levantamento da imunidade já foi enviado pelo juiz de instrução criminal Carlos Alexandre para o órgão de consulta do Presidente da República. O **CM** sabe que as declarações feitas ontem por



Loureiro deverá ser ouvido pelo MP

Oliveira e Costa sobre o negócio de Porto Rico tornam incontornável a audição do ex-ministro do PSD. Encaixam nos factos que já estavam a ser investigados nos últimos dois meses pelo Ministério Público e arrasam a versão já contada publicamente por Dias Loureiro. Os factos novos que surgiram sobre a participação deste conselheiro de Estado em vários negócios implicaram o requerimento da “excepcional complexidade do processo” e, na prática, condicionaram a situação de Oliveira e Costa no caso, obrigando-o a ficar preso mais tempo.

O antigo presidente do grupo BPN/SLN decidiu no Parlamento apontar baterias ao ex-ministro da Administração Interna Dias Loureiro, acusando-o de ser responsável pela degradação económica do grupo, ao ter sugerido o “negócio ruinoso” de Porto Rico. “Se não fosse o raio da Biometrics hoje não estaríamos aqui”, afirmou o fundador do grupo aos deputados da comissão de inquérito parlamentar.

O desabafo surgiu na sequência de uma revelação sobre o actual estado de saúde do banqueiro. José Oliveira e Costa admitiu à comissão ter desenvolvido um cancro, em 1998, quando decidiu comprar a instituição. “Ter pegado nisto foi uma tragédia, quem me dera a mim que isto não me tivesse acontecido”, confidenciou aos deputados, referindo que ainda desenvolveu

várias operações financeiras que deram estabilidade ao grupo, mas que o negócio de Porto Rico, trazido por Dias Loureiro, fez desabar a estrutura financeira do grupo.

O banqueiro assumiu que foi pressionado por Dias Lourei-

ro e pelo seu amigo libanês El-Assir no sentido de dar continuidade à compra da Biometrics (BI). “Recebi uma chamada do dr. Dias Loureiro que me disse que ou a compra da BI ia para a frente ou El-Assir desligava-se do apoio que estava a dar para a venda da Redal”, o negócio das águas em Marrócos, também ele dinamizado pelo actual conselheiro de Estado. ■

**“Nunca esperei que ele dissesse bem de mim”**

Dias Loureiro

## OLIVEIRA E COSTA SOBRE DIAS LOUREIRO

### Banco de Portugal

“O contributo é modesto (...) mas reforça o empenhamento de que a verdade estava com o dr. António Marta.

### Personalidade

“Há aqui uma problemática do ego que influencia o comportamento das pessoas e em particular desta.

### Ligação ao Grupo SLN

“O mandato dele no grupo terminou como começou: a criar problemas, mas negando sempre estar na sua génese.

### Porto Rico

“Se não fosse o raio da Biometrics hoje não estaríamos aqui. Foi um negócio ruinoso.



Almiro Silva na comissão

## Insular deu a ganhar

● Almiro Silva, um dos accionistas da SLN que Oliveira e Costa diz pertencer ‘ao grupo dos quatro’ que boicotaram a viabilidade financeira do BPN e que numa reunião terá dito “não me interessa o banco para nada, quero é vê-lo na prisão”, terá sido um dos elementos que beneficiaram de pagamentos através do Banco Insular. ■





ID: 25264442

27-05-2009



PS | **RICARDO RODRIGUES**  
 “ É uma decisão que cabe ao dr. Dias Loureiro e ao Presidente da República. O PR é que o nomeou, e os dois têm de avaliar a manutenção no Conselho de Estado



PSD | **HUGO VELOSA**  
 “ Se fosse eu, saía. Na situação em que ele se encontra, e não é por achar que é culpado, o dr. Dias Loureiro teria toda a vantagem em sair do Conselho de Estado



PARLAMENTO ■ EX-PRESIDENTE DO BANCO PORTUGUÊS DE NEGÓCIOS ESTEVE 131 MINUTOS A LER UMA DECLARAÇÃO

# Barões do PSD debaixo

■ Oliveira e Costa chegou atrasado, ia desmaiando duas vezes, fez dois intervalos e atacou a torto e



■ Oliveira e Costa sai do carro celular amparado por um guarda



■ Já fora do carro, Oliveira e Costa descansa um pouco



■ Primeira ameaça de desmaio. Guardas prisionais ajudam o banqueiro



■ Chegada. Oliveira e Costa saiu do carro celular e entrou no Parlamento acompanhado de dois guardas prisionais, um agente da PSP e do responsável da segurança do Palácio de São Bento.

● ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA TEXTO  
 JOÃO MIGUEL RODRIGUES/  
 /SÉRGIO LEMOS FOTOS

**M**ontaram a armadilha a 30 de Agosto de 2007, dia do meu aniversário, e depois houve um kamikaze – leia-se Miguel Cadilhe – que tirou a espoleta da granada e fez rebarbar tudo.” Foi assim que Oliveira e Costa terminou ao fim de 131 minutos, com dois intervalos de 15 e 13 minutos, respectivamente, a leitura de um extenso documento aos deputados, assessores dos grupos parlamentares e jornalistas presentes na Comissão de Inquérito Parlamentar em que

lavou roupa suja do BPN, disparou a torto e a direito contra um grupo de quatro accionistas, liderado pelo empresário Joaquim Coimbra, dirigente do PSD, Miguel Cadilhe, seu antigo colega de Ministério, também do PSD como ele próprio, e, claro, contra Dias Loureiro, social-democrata e conselheiro de Estado. Oliveira e Costa chegou com 32 minutos de atraso à Assembleia da República. Veio num carro celular da Polícia Judiciária, onde se encontra detido desde Novembro de

## Desta vez Oliveira e Costa não levava aliança no dedo

2008. De fato cinzento com discretas riscas brancas, camisa azul-claro, gravata bordeaux com pintas brancas, e desta vez sem aliança no dedo, talvez para mostrar que a separação é mesmo a sério. O banqueiro subiu a escadaria da Assembleia da República, parou duas vezes e foi amparado por dois dos três guardas prisionais, porque, como contou ao CM o seu advogado, Leonel Gaspar, esteve quase a desmaiar. Na sala 7 da comissão de inquérito, com 86 cadei-

ras, a chegada de Oliveira e Costa era aguardada ansiosamente. E com razão. A declaração não defraudou as expectativas. Oliveira e Costa arrasou o accionista Joaquim Coimbra, dirigente do PSD, Miguel Cadilhe, outra figura social-democrata de quem foi secretário de Estado nos tempos de Cavaco Silva, Dias Loureiro, “um mentiroso” com um ego enorme que “acabou como começou: a arranjar problemas e incapaz de os resolver”, e Abdool Vakil, um homem que economiza a verdade. Pelo meio lanchou com os deputados, porque a tarde ia longa e a noite ia ser ainda muito pior (mais informação na pág. 48). ■







CDS-PP | **NUNO MELO**

“ Estando o nome do dr. Dias Loureiro envolvido nos actos de gestão aqui descritos, justifica-se que saia do Conselho de Estado até que tudo esteja esclarecido



PCP | **HONÓRIO NOVO**

“ Neste contexto, sendo que a decisão cabe exclusivamente ao dr. Dias Loureiro, é claro que a imagem e credibilidade junto do País está descredibilizada



BE | **JOÃO SEMEDO**

“ Fica hoje mais claro que o dr. Dias Loureiro não tem condições para se manter no Conselho de Estado. Depois de tudo o que foi aqui revelado fica claro que se deve demitir



# de tiro

a direito 'amigos' sociais-democratas

■ Guardas ajudam Oliveira e Costa, que ia desmaiando de novo na escada



■ Oliveira e Costa, que já leu 60 livros na cadeia, entra no palácio



■ **Advogado.** Leonel Gaspar, o advogado de Oliveira e Costa, chegou mais cedo ao Parlamento. Foi esperar o banqueiro no cimo da escadaria, sentou-se à direita do seu cliente, esteve sempre atento aos sinais de cansaço do ex-presidente do BPN, obrigando-o a beber água e sugerindo intervalos a Maria de Belém, presidente da comissão.



Joaquim Coimbra integra o Grupo dos 'quatro accionistas' da SLN

## O Grupo de Coimbra

■ Joaquim Coimbra, um dos empresários de referência no sector dos vinhos em Portugal, é o membro mais mediático do chamado 'grupo dos quatro' accionistas que, segundo Oliveira e Costa, "manipulou os factos para impedir a venda da SLN a um grupo de entidades estrangeiras", em concreto a Carlyle e investidores da Arábia Saudita.

O 'grupo dos quatro' integrava, além do social-democrata Joaquim

Coimbra, os irmãos Adelino Santos Silva e Almiro Jesus Silva e também Fernando Cordeiro, todos accionistas de referência da SLN. Oliveira e Costa acusou Joaquim Coimbra de o ter "cozinhado em banho-maria" e de ter desencadeado a destruição da SLN.

Joaquim Coimbra foi vogal da comissão política do PSD durante as lideranças de Marques Mendes e de Luís Filipe Menezes. ■ A.S.A.

● **OS OUTROS TRÊS**

**Adelino Santos Silva.** É empresário do sector imobiliário

**Almiro Jesus Silva.** Irmão de Adelino Silva, negocia imóveis.

**Fernando Cordeiro.** É empresário de têxteis-lar na área do Porto.

● **E OS RESTANTES SEIS**

**Alberto Q. Figueiredo.** Dono da Impetus, foi deputado do PSD.

**António Cavaco.** É presidente da construtora Irmãos Cavaco.

**António Veríssimo.** É presidente das Rações Veríssimo, de Leiria.

**Avelino Gaspar.** É presidente da Lusivies, produtora de aves.

**Joaquim Ferreira Abreu.** É dono da Termolâ, de Vila das Aves.

**Manuel Neves dos Santos.** É empresário do sector imobiliário.





EX-BANQUEIRO ACHA QUE FOI VÍTIMA DE UMA CABALA DOS ACCIONISTAS

# Oliveira e Costa diz que Dias Loureiro mentiu

Farto do que anda a ouvir, o fundador do BPN decidiu contar aos deputados a sua versão dos factos. Atirou-se a Dias Loureiro e falou de uma conspiração interna para o atirar para a cadeia

■ TEXTO ■ JOÃO CRISTÓVÃO BAPTISTA  
■ joao.m.baptista@24horas.com.pt

**"E** stou aqui para que se conheça a verdade objectiva de toda esta questão". Foi desta forma que José Oliveira e Costa iniciou ontem a sua intervenção perante os deputados da comissão de inquérito à nacionalização do BPN. Durante mais de duas horas, o ex-presidente da instituição, que se encontra detido preventivamente por

suspeita de ter cometido vários crimes na gestão do banco, leu uma declaração em que acusou os principais accionistas do banco de criarem laços secretos para impedir a venda do grupo a interesses estrangeiros. Aos deputados, Oliveira e Costa desmentiu ainda categoricamente a versão dada por Dias Loureiro de que terá tentado alertar o Banco de Portugal para a má gestão do BPN.

Na sua intervenção, Oliveira e Costa começou por virar toda a sua ira para Joaquim Coimbra, accionista de referência do BPN, que o fundador da instituição acusa de ter liderado aquilo que apelidou de "grupo dos dez", e do qual fariam parte outros conselheiros

de renome dentro do banco, como era o caso de Almiro Silva e Neves dos Santos.

Segundo o fundador do BPN, é a estes accionistas que se deve a actual situação do banco, por terem impedido a entrada no capital da entidade da família real saudita e, mais tarde, da americana Carlyle. Na base destes boicotes, explicou Oliveira e Costa, terá estado um "acordo secreto em que tinha sido combinado que as acções não seriam vendidas a um valor inferior a 3,2 euros por título, um valor exagerado na altura".

Uma vez que os negócios não se concretizaram ao valor que os accionistas pretendiam, Oliveira e Costa defendeu que Joaquim Coimbra se terá tentado "vingar com juros muito altos". **Uma vingança que, sustentou, passava não só pelo seu afastamento do grupo, como inclusivamente pela situação de detenção em que hoje se encontra.**

Para demonstrar a sua convicção na existência desta "cabala interna", o ex-presidente do BPN recordou um encontro entre accionistas, já após a sua saída da administração do banco, em que apresentou uma última proposta para compra do grupo por parte da Carlyle.

"A oferta tinha um valor de 1300 milhões de euros, um valor bastante aceitável tendo em conta o valor real do BPN na altura", adiantou Oliveira e Costa, frisando que a "proposta apresentada foi muito mal recebida por Joaquim Coimbra e Almiro Silva, este último que fez questão de dizer que era uma proposta insultuosa e que, da sua parte, até nem se im-



Ex-presidente do BPN chegou ao Parlamento em silêncio e escoltado por polícias





► Oliveira e Costa contou que uma reunião do banco ia acabando à chapada

portava de perder tudo o que tinha no banco, desde que eu fosse parar à cadeia”, recordou o banqueiro, lembrando que o encontro só não acabou “à chapada” por falta de compleição física da sua parte.

### “Zé, quero sair”

Além dos accionistas da SLN, na mira das palavras de Oliveira e Costa esteve ainda Manuel Dias Loureiro, a quem o banqueiro acu-

## Oliveira e Costa diz que o conselheiro de Cavaco queria ser presidente do BPN e chegou a apresentar-se como tal

## Buraco do banco empolado

Oliveira e Costa fez questão de afirmar que não se considera responsável pela actual situação do banco. “Não tenho nada que ver com a gestão do BPN nos últimos 15 meses”, frisou, atirando parte da responsabilidade para Miguel Cadilhe. Segundo Oliveira e Costa, quando soube da intenção de Cadilhe de se candidatar ao cargo que ocupara durante dez anos, tentou entrar em contacto com o ex-ministro das Finanças, mas este não se mostrou disponível. Oliveira e Costa salientou ainda a crença de que o “buraco” descoberto no banco está “muito empolado” e que “tem como objectivo diabolizar junto da opinião pública” a sua imagem.

Em declarações à agência Lusa, Cadilhe disse que nunca fez qualquer proposta para a compra do grupo. “De modo nenhum, em consciência, me sinto Pilatos”, disse, rematando que “Oliveira e Costa não é nenhum Jesus Cristo”.

sou de ser “descaradamente desleal” e cuja versão sobre todos os acontecimentos no BPN foi categoricamente desmentida.

“Ele queria ser presidente do BPN”, afirmou o ex-presidente da instituição, recordando que “apesar de ser apenas administrador do grupo, Dias Loureiro chegou a apresentar-se em algumas ocasiões como presidente e terá mesmo dito a uma figura pública que em seis meses ocuparia o meu lugar”.

Na sua intervenção acerca do conselheiro de Estado, Oliveira e Costa fez questão de desmistificar o teor da mítica reunião entre Dias Loureiro e o vice-governador do BdP, António Marta. Ao contrário do que defendeu o ex-ministro perante esta comissão, Oliveira e Costa recordou que assim que voltou da reunião com António Marta, Dias Loureiro lhe relatou o teor da mesma. “Disse-me que se tinha queixado do facto de a supervisão estar constantemente a importunar o BPN e que apenas o fazia porque o BPN, sendo um banco mais pequeno, era mais fácil de deitar abaixo”, recordou Oliveira e Costa, desmentindo assim a versão de Dias Loureiro.

Acerca do ex-ministro de Cavaco Silva, o antigo presidente do BPN referiu ainda que não só não se opôs ao chamado “negócio de Porto Rico”, como chegou mesmo a incentivar a realização do mesmo, apesar da evidência dos riscos associados a um negócio do género.

Oliveira e Costa acusou também o conselheiro de Estado de mentir no que toca às razões que levaram à sua saída do banco. Enquanto Dias Loureiro afirmou, aquando da sua audição no Parlamento, que saiu por divergências com Oliveira e Costa, o fundador do

BPN garantiu ontem que esta saída só ocorreu por questões de interesse político.

“Falava-se que podia voltar a ocupar o cargo de ministro e então chegou ao pé de mim e disse: Zé, quero sair, vou regressar à política”, recordou Oliveira e Costa, que adiantou ainda que antes de sair, Dias Loureiro negociou um contrato de recompra das suas acções a um preço reduzido, após o final desta sua nova aventura política.

À hora do fecho da nossa edição, os deputados da comissão de inquérito ainda interpelavam Oliveira e Costa. ▀





## A culpa é toda vossa, senhores



**F**oi um Oliveira e Costa em muito boa forma que apareceu ontem no Parlamento. Durante três horas, acusou meio mundo de esquemas menos claros durante a sua gerência do BPN. Com a mira bem afinada, disparou em todas as direcções e atingiu vários alvos – Miguel Cadilhe, Dias Loureiro, Joaquim Coimbra, enfim, foi quem lhe apareceu pela frente. O senhor que estava tão doente

**"Oliveira e Costa arrasou toda a gente mas nunca assumiu culpa"**

que até queria que lhe reduzissem a medida de coacção e o tirassem da cadeia falou, falou, falou, e, quem o ouviu ficou com a ideia clara de que aquele banco estava cheio de gente pouco séria. Eram só trifulhas. Alto! Só, não. Todos menos o senhor de

gravata e bem compostinho que estava ali a atacar toda a gente. Oliveira e Costa não conseguiu colocar numa única linha daquele molho de folhas que levou uma só palavra de culpa. Nada. Os outros é que fizeram tudo de errado. Ele, que era quem mandava, que era quem sabia de tudo o que se passava no banco, é uma vítima do sistema. Pois, são sempre.

O caso BPN devia ser resolvido exemplarmente e devia ser levado até às últimas consequências. Estas trapalhadas não podem passar impunes. ▽

▲ Ricardo Martins Pereira





## BPN Antigo presidente tenta aliviar responsabilidades e dispara acusações

# Oliveira e Costa acusa Dias Loureiro de ter mentido

O ex-banqueiro assegura que sem o negócio da Biometrics, a que Loureiro está ligado, não haveria investigação à SLN/BPN

Ana Brito e Cristina Ferreira

Manuel Dias Loureiro, ex-ministro da Administração Interna de Cavaco Silva e membro do Conselho de Estado, mente quando diz que foi ao Banco de Portugal para se queixar da gestão de Oliveira Costa. A afirmação partiu do ex-presidente do grupo SLN/BPN, José Oliveira Costa que adiantou que quem fala verdade é o ex-vice-governador do BdP. “A verdade está com António Marta”, assegurou ontem o antigo presidente do BPN aos deputados da comissão de inquérito. Quando foi ouvido pelos deputados, Marta explicou-lhes que na reunião com Dias Loureiro este foi queixar-se de o Banco de Portugal estar “sempre em cima” do BPN e não manifestar preocupação com a gestão do banco.

Numa audição marcada por vários comentários irónicos e bem-humorados do antigo banqueiro, que se encontra em prisão preventiva, Oliveira e Costa explicou que soube da visita de Dias Loureiro ao Banco de Portugal com antecedência, mas garantiu ter desaconselhado esta iniciativa. Acusando o conselheiro de Estado de ter baseado a sua versão dos factos (sobre a ida ao Banco de Portugal) numa “atitude de descarada deslealdade”, Oliveira e Costa disse ainda que Dias Loureiro sofre de “uma problemática do ego” e acusou-o de várias atitudes de sobrançeria na sua passagem pelo grupo SLN/BPN.

O antigo banqueiro contou que Dias Loureiro, aquando da sua entrada no grupo, como administrador executivo da SLN, terá dito a “uma conhecida figura pública que dentro de seis meses seria presidente do grupo”. Porém, quando confrontado com o facto de esse desfecho não ter ocorrido, Dias Loureiro terá respondido que “Oliveira e Costa era muito centralizador”, contou o antigo banqueiro aos deputados, acrescentando que a intenção de Dias Loureiro era vender o grupo a um banco espanhol, a Caixa Galicia.

Oliveira e Costa assegurou, ainda, que se não fosse a *Biometrics*, o famoso negócio ruinoso de Porto Rico, não haveria investigação à SLN/BPN. Em causa está a operação promovida por Dias Loureiro e que contou, do lado vendedor, com o libanês Al Assir. “Se

não aparecesse o raio do negócio da Biometrics, hoje não estaríamos aqui”, concluiu Oliveira Costa.

Apesar de, na véspera, ter tido um pico de tensão que levou a que a sua condição física fosse reavaliada e pusesse em causa a sua ida ontem à comissão de inquérito, o ex-banqueiro mostrou-se particularmente descontrado, principalmente no período de perguntas e respostas dos deputados. Oliveira e Costa fez-se acompanhar de dois advogados que se sentaram a seu lado, um deles Leonel Gaspar, e que o aconselharam a não aprofundar determinados temas, nomeadamente sobre o Banco Insular, pagamentos não documentados a colaboradores e o negócio de Porto Rico. Matérias que já referiu ao Ministério Público.

A sessão, marcada para as 16h, que começou com 40 minutos de atraso, ainda decorria já passava das 22h. Oliveira e Costa disparou acusações. E referiu que foi “lorpa” por ter confiado nas pessoas.

### “Veja lá como me trata”

O antigo presidente do banco nacionalizado disse que percebeu que Dias Loureiro não tinha qualquer interesse em abandonar a SLN quando lhe comunicou que não tinha intenção de lhe renovar o seu mandato. Nessa altura, adiantou Oliveira Costa, Dias Loureiro respondeu-lhe: “Veja lá como é que me trata. Porque quando me hostilizam eu não sou para brincadeiras.”

Oliveira Costa afirma que lhe terá dito: “Não percebo o seu tom”, e aconselhado a cumprir o resto dos dias fora da sede. Ao que Loureiro terá respondido: “Ótimo, porque na sede não aceitaria ficar”, relatou Oliveira e Costa. O ex-presidente do BPN afirmou ainda que “Dias Loureiro começou no BPN como acabou, a criar problemas, mas negando sempre estar envolvido na sua génese”, concluiu.

“Eu recusei um prémio de um milhão de euros por entender que o grupo não estava em condições de me entregar”, frisou, confrontado com as declarações de Hector Hoyos, um dos sócios da empresa de Porto Rico, sobre o pagamento de comissões. E rejeitou quaisquer alegados pedidos de suborno relatados pelo empresário.

Oliveira e Costa começou audição com a leitura de extenso documento



Ex-banqueiro diz que procurou soluções para o grupo

## “Nem um cêntimo de perdas”

“Não se pode acusar Oliveira e Costa de um cêntimo que seja de perdas”, garantiu ontem o ex-banqueiro na comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN. O antigo presidente frisou que, enquanto presidente do banco, tentou sempre encontrar soluções que só não se concretizaram porque “houve um pequeno grupo de pessoas” que lhe prepararam uma “armadilha”.

Essas pessoas, disse, boicotaram a venda do grupo a investidores da Arábia Saudita e ao fazê-lo, para o atingirem, acabaram por ter uma atitude *kamikaze*, empurrando o banco para o colapso, sem se preocuparem com trabalhadores ou clientes, acusou Oliveira Costa no Parlamento, ao concluir a leitura da sua declaração.

Oliveira Costa acrescentou, perante os deputados, que estão a querer diabolizá-lo para lhe serem imputadas

todas as responsabilidades pelos problemas que levaram à nacionalização do Banco Português de Negócios. E acrescentou que dois accionistas beneficiaram do Banco Insular, embora só tenha nomeado Almiro Silva, após indicação do seu advogado.

O ex-gestor, agora em prisão preventiva, entende que se está a preparar a opinião pública para o “diabolizar”, nomeadamente quando se fala de imparidades e quando lhe são imputadas só a ele, quando são também resultado das gestões posteriores e da crise económica.



Oliveira e Costa referiu que dois accionistas beneficiaram com o Banco Insular, mas só nomeou Almiro Silva

O ex-banqueiro sustentou que esta tentativa de “pressionar a opinião pública” passa por confundir insuficiências de capital com imparidades ou sempre que não se esclarece que as imparidades não são perdas efectivas, mas estimativas de perda. “São números que se põem ao lado da minha fotografia”, disse Oliveira Costa, acrescentando que a alegada campanha de pressão provém de uma “reserva oculta, que se dedica a um intento, destinado a fazer alguém brilhar no futuro”.

“Se querem ser verdadeiros quanto à minha responsabilidade nas imparidades, têm que considerar o valor de balanço a 31 de Dezembro de 2007 e determinar se o activo e o passivo estava desequilibrado nessa altura” notou, lembrando que saiu do grupo em Fevereiro de 2008. Ana Brito e Cristina Ferreira



**PCP exige demissão de Vítor Constâncio**

O PCP exigiu ontem a demissão do governador do Banco de Portugal, acusando-o de "desobediência qualificada" ao recusar facultar

à Comissão de Inquérito da Assembleia da República documentos sobre o caso Banco Português de Negócios.



PEDRO CUNHA

**Antigo ministro das Finanças nega "Cadilhe boicotou venda do banco a investidores líbios"**

**Ana Brito, Cristina Ferreira**

● O antigo presidente do Banco Português de Negócios, José Oliveira e Costa, revelou ontem que um grupo de investidores líbios, ligados ao coronel Kadafi, chegou a pedir autorização ao Banco de Portugal para comprarem a Sociedade Lusa de Negócios, que controlava o BPN, a dois euros por acção. Mas, acrescentou o antigo gestor, agora em prisão preventiva, Miguel Cadilhe, que lhe sucedeu no lugar, acabou por ser "o indutor do boicote à transacção".

Perante dos deputados da comissão de inquérito, Oliveira e Costa diz que o negócio terá partido da iniciativa de Almiro Silva, accionista do banco, um sírio que chegou a ser conselheiro do antigo presidente francês François Mitterrand. A operação contaria, segundo afirmou, com a participação do escritório de advocacia de Pedro Rebelo de Sousa.

A carta dos líbios, afirma Oliveira e Costa, entrou no Banco de Portugal a 2 de Outubro de 2008. O antigo presidente do Banco Português de Negócios prometeu ceder cópia desse documento à Comissão de Inquérito da Assembleia da República que avalia se houve falha da supervisão no caso do BPN.

Já depois desta declaração, Miguel Cadilhe garantiu que nunca teve nenhuma proposta, efectiva ou credível, para a compra do grupo. "De modo nenhum, em consciência, me sinto Pilatos", disse Cadilhe à agência Lusa, aludindo à personagem com quem o antigo presidente do grupo o comparou, para rematar que "Oliveira e Costa não é Jesus Cristo".

Oliveira e Costa acusara, também, Miguel Cadilhe de ter optado pelo silêncio em vez de ter uma "acção moderadora" com os 10 accionistas do Conselho Superior. E acrescentou que, assim, acabou por contribuir para a derrocada do grupo.

No depoimento, Oliveira e Costa referiu que Miguel Cadilhe custou mais ao grupo BPN/SLN do que ele tinha ganho ao longo de uma década. "Não sei o que ele [Oliveira e Costa] ganhou nem o que fez perder ao grupo", disse, frisando que na negociação com os accionistas que o convidaram, o que ocorreu "repetidamente, durante meses" antes de aceitar, o que ficou acordado foi que lhe fosse pago o que perdia por deixar de estar ligado a uma outra instituição financeira.



Oliveira e Costa acusa Cadilhe de ser Pilatos; o antigo ministro das Finanças diz que Oliveira e Costa "não é Jesus Cristo"

"Não ganhei nem perdi, ou melhor, o que podia perder eles repuseram", afirmou Miguel Cadilhe nas declarações à agência Lusa.

Oliveira e Costa revelou, igualmente, que Cadilhe se recusou a falar com ele antes de entrar para o BPN. Liguei-lhe a perguntar se as notícias que apontavam para a sua entrada no grupo eram verdadeiras e disse-lhe que antes de assumir o cargo deveria falar comigo. Liguei-me na véspera de entrar para o banco e então disse-lhe: 'Tenho pena que não me tenhas ouvido; um dia arrepende-te-ás.'

**Joaquim Coimbra acusado de ter destruído o grupo BPN/SLN**

José Oliveira Costa culpou um grupo de accionistas liderado por Joaquim Coimbra de ter contribuído para a destruição da SLN/BPN, ao boicotarem a venda do grupo a investidores árabes e à Carlyle. O ex-presidente da SLN/BPN admitiu que os accionistas que travaram a viabilização do grupo tinham interesses particulares e alguns beneficiaram com a existência do Banco Insular.

"Joaquim Coimbra cozinhou-me em banho-maria" e acabou por "destruir o grupo", disse Oliveira Costa. Segundo o antigo presidente do BPN, um núcleo de 10 accionistas da SLN procurou desde o primeiro minuto travar a venda do grupo pois pretendia "desmembrá-lo" em seu benefício. Em causa estavam ofertas de investidores árabes ligados às famílias reais da Arábia Saudita e da Jordânia, assim como uma

oferta para negociar do fundo norte-americano Carlyle. Já no período de perguntas e respostas, Oliveira Costa admitiu que dois dos accionistas com que se viria a confrontar já na fase final da sua permanência à frente do grupo SLN/BPN lucraram com a existência do Banco Insular (BI). Instado a mencionar os nomes dos dois accionistas em causa, começou por referir o nome de Almiro Silva, que integrava o grupo de quatro accionistas associado a Joaquim Coimbra (mais Joaquim Nunes, Francisco Cordeiro).

Foi nessa altura que Leonel Gaspar, advogado de Oliveira Costa, e que o acompanhou nesta audiência, interveio para o aconselhar a não falar sobre

aquele tema. O antigo gestor invocou "razões pessoais" para não falar sobre a instituição cabo-verdiana, que era usada para esconder prejuízos e negócios ruins no grupo. "Isso pode voltar-se contra mim", justificou. Este é um dos três temas sobre os quais se recusou a falar. Para além do BI, o ex-banqueiro recusou responder a perguntas sobre o negócio de Porto Rico, que envolve Dias Loureiro, e os pagamentos em numerário aos colaboradores.

"Ou são psicóticos ou têm interesses" particulares, considerou Oliveira Costa, quando lhe pediram que justificasse as razões que levaram os accionistas a não querer vender o grupo, situação que

classificou "como um colapso". "Eu queria vender o grupo para salvar os accionistas", garantiu Oliveira Costa. Sobre Joaquim Coimbra admitiu que os obstáculos que este colocou à venda do grupo pudessem estar relacionados com o facto "ele querer ficar com a Murganheira", um activo do grupo na área dos vinhos e espumantes.

Ainda sobre os accionistas, o ex-CEO declarou "não desejar mal a ninguém", apesar de tudo. "O mal que fizeram repercuta-se nas próprias pessoas. Quando morrerem não vão para o céu", disse o antigo banqueiro. Oliveira Costa acusou-os ainda de se moverem por "interesses económicos que estavam ali subentendidos.". O fundador do BPN afirmou que "é um homem que gosta de acreditar nas pessoas", mas que agora sente-se "um pouco lorpa por ter acreditado" **A.B./C.F.**







## Crónica sem dor

# Problemática da casta



Rui Tavares

**S**e não servir para mais nada, serve para isto: o caso BPN tem sido uma longa aula prática de Sociologia de Portugal, para quem andasse distraído.

A lição fundamental é esta: a desigualdade, em Portugal, não acaba nos rendimentos. Nunca acaba, aliás. Ela começa pelos rendimentos mas depois alastra para o resto, do debate público à forma de tratamento. Aí é que está a fruta mais doce: a da “consideração”. Quem dela prova adquire poderes sobre-humanos.

O estado normal e justo das coisas é este: deve ser considerado “gente séria” quem se comporta de forma séria. Em Portugal, a desigualdade começa por aí: um pobre deve provar que é sério ainda antes de agir. Mas o outro lado da moeda é que existe uma casta onde nenhuma destas situações se verifica: é-se considerado “gente séria” e “gente respeitável” por inerência, ou seja, para além de qualquer comportamento que se tenha. É-se “gente séria”, pasme-se, sem ter de se ser sério.

O caso BPN veio pisar e repisar esta lição. Dias Loureiro disse que estava no BPN porque lhe parecia que era tudo “gente séria”; Vítor Constâncio disse que se considerava à partida que no BPN

estava “gente respeitável”; António Marta disse que Dias Loureiro lhe disse que “não andasse tanto em cima do BPN” que era feito de “gente séria”. Dias Loureiro disse em tempos que Oliveira e Costa lhe pareceu “gente séria”; e em tempos certamente que Oliveira e Costa tinha Dias Loureiro na consideração de “gente séria”.

Muito bem. As declarações de Oliveira e Costa, ontem ao Parlamento, serviram para confirmar mais uma vez que esta “gente séria” mentia e mente, não fazia actas de reuniões e se esquecia de negócios que tinha aberto logo depois de os ter fechado. Dias Loureiro já se tinha apercebido de tudo isto, mas não ligou muito: afinal era tudo “gente séria”. Oliveira e Costa parece ter-se lembrado de tudo isso ontem, valha a verdade, com uma profusão de pormenores e circunstâncias que envergonha a falta de memória de Dias Loureiro. Mas continua

*Dias Loureiro é ainda  
conselheiro de Estado, com a  
imunidade que esse estatuto  
lhe garante. Quando o vice-  
-governador do Banco de  
Portugal disse que ele tinha  
mentido, era apenas “uma  
palavra contra a outra”.  
A partir de ontem são duas  
palavras contra uma, sem  
contar com todas as restantes  
discrepâncias e omissões*

a atribuir tudo à “problemática do ego” quando a questão é de “problemática da casta”: uma casta onde toda a gente se tratava por “gente séria” independentemente do que fizesse ou de quanto mentisse, e onde toda a gente se pagava principescamente apenas por fazer parte da casta.

**E** chegámos agora ao momento em que a longa aula prática de Sociologia de Portugal se converte numa aula viva de História da Política Portuguesa. Dias Loureiro é ainda conselheiro de Estado, com a imunidade que esse estatuto lhe garante. Quando o vice-governador do Banco de Portugal disse que ele tinha mentido, era apenas “uma palavra contra a outra”. A partir de ontem são duas palavras contra uma, sem contar com todas as restantes discrepâncias e omissões que mancham a intervenção de um conselheiro de Estado perante a Assembleia da República.

A “problemática da casta” não se desfez. Pelo contrário, ela está mais forte do que nunca: deslocou-se agora para os mais altos cargos da República.

Quanto tempo mais terá de passar até que o Sr. Presidente da República faça entender a Dias Loureiro que ser conselheiro de Estado não é um privilégio que lhe esteja atribuído por casta, mas uma alta responsabilidade cuja dignidade ele tem o dever de preservar? *Historiador.*

*Candidato independente pelo Bloco de Esquerda às eleições para o Parlamento Europeu  
(ruitavares@mac.com)*





## OPINIÃO

**ANTÓNIO COSTA**

Director  
acosta@economicasgps.com



## A história, segundo Oliveira e Costa

José Oliveira e Costa esteve mais de quatro horas no Parlamento e, desta participação do antigo presidente do BPN, podem retirar-se, desde já, duas grandes conclusões: em primeiro lugar, avançou-se pouco ou quase nada em relação às operações financeiras que levaram à situação de crise financeira do grupo e à sua própria responsabilidade e, depois, exigem-se mais explicações a Dias Loureiro, Joaquim Coimbra e Miguel Cadilhe, por esta ordem, sobre a sua participação e/ou envolvimento no processo que levou à nacionalização do banco.

O antigo presidente do BPN criou muitas expectativas quando se disponibilizou a estar presente na comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN, especialmente depois de já ter estado presente e ter invocado o seu estatuto de arguido para não falar. Oliveira e Costa, esperava-se, poderia responder às muitas questões que ainda estão em aberto, por exemplo as que o Diário Económico avançou na edição de ontem, como o Banco Insular, a alegada subtracção de informação às autoridades de supervisão, as contas 'off-shores' e o buraco financeiro que, entretanto, já foi identificado e que está avaliado em cerca de 1,7 mil milhões de euros. Sobre tudo isto, Oliveira e Costa esclareceu pouco e, em alguns casos, escusou-se mesmo a responder. Daqui se retira que o Ministério Público ainda vai ter muito trabalho nos próximos meses.

No entanto, tendo em conta a natureza, especialmente política, da comissão de inquérito, as referências de Oliveira e Costa a accionistas como Joaquim Coimbra, a gestores como Dias Loureiro e ao (quase) sucessor, Miguel Cadilhe merecem análise. Nesta matéria, diga-se, haverá ainda muito a esclarecer e os próprios deverão ser os primeiros a estar interessados em responder às acusações de que foram alvo.

No caso de Joaquim Coimbra e de Miguel Cadilhe, as considerações de Oliveira e Costa foram sobretudo políticas e de carácter, já que são acusados de terem vetado operações de venda do grupo a estrangeiros e/ou terem contribuído para descredibilizar o banco, mas sem nunca explicar porque terão tido tal comportamento. Já as críticas a Dias Loureiro são mais uma acha para uma fogueira que se torna cada vez mais insustentável, já que o antigo gestor do grupo SLN - a cabeça do BPN - é um conselheiro de Estado. Loureiro é acusado, preto no branco, de mentir.

A intervenção de Oliveira e Costa ontem no Parlamento, suspeito, vai ainda dar muito que falar, especialmente quando, como único arguido num processo que, já se sabe hoje, começou a correr mal no início da década, pergunta se a responsabilidade é exclusivamente sua? Será? ■



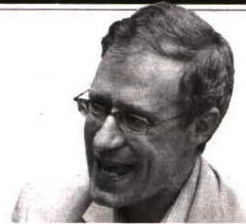


PRIMEIRO PLANO

OLIVEIRA E COSTA COMEÇA A FALAR SOBRE O BPN



"Oliveira e Costa reforçou a ideia de irresponsabilidade e de impunidade de práticas financeiras que levaram o banco ao colapso e prejudicaram a economia portuguesa"  
Francisco Louçã  
BLOCO DE ESQUERDA



"Oliveira e Costa foi contar a sua versão dos acontecimentos. Parecia que era ele a vítima de tudo. Ninguém sai bem desta situação. Foi um momento deprimente"  
António José Seguro  
PS



MÁRIO ORLIZ / LUSA

O que disse sobre os outros

Dias Loureiro  
EX-ADMINISTRADOR DO BPN

"Queixou-se que a supervisão estava sempre em cima do BPN. A verdade está do lado de António Marta"

Joaquim Coimbra  
ACCIONISTA DO GRUPO

"Fui cozinhado [por ele] em banho-maria. Iniciou o processo de destruição do grupo ao forçar a ruptura negocial"

Miguel Cadilhe  
ANTIGO PRESIDENTE DO BPN

"A entrada de Miguel Cadilhe custou 2,5 vezes mais do que eu ganhei durante 10 anos"

José Oliveira Costa foi recebido pela presidente da comissão parlamentar, Maria de Belém Roseira, antes de iniciar o "bombardeamento"

Costa desmente Dias Loureiro

Ex-presidente do BPN lançou também duras críticas a Miguel Cadilhe

ALEXANDRA MARQUES  
alexandra.marques@jn.pt

Oliveira e Costa desmentiu, ontem, no Parlamento, Dias Loureiro. Acusou Miguel Cadilhe de ser cúmplice de um conjunto de accionistas que travaram a venda do BPN. E culpou Joaquim Coimbra de o ter "cozinhado" em lume brando.

Numa declaração de três horas, José Oliveira e Costa responsabilizou o grupo dos quatro maiores accionistas e Miguel Cadilhe por o Banco Português de Negócios (BPN) não ter sido vendido a árabes, salvando-se assim do descalabro. E acusou Dias Loureiro de ter ido falar com o vice-governador do Banco de Portugal (BP), António Marta, por causa da vigilância constante sobre as acções

do BPN. "A verdade está com António Marta", disse o ex-presidente da Sociedade Lusa de Negócios (SLN).

Oliveira e Costa assinalou que Dias Loureiro quis dar a Lencastre Bernardo um lugar de assessor e a Daniel Sanches o de director dos serviços jurídicos, já ocupado por Armindo Pinto. E atribuiu ao ex-ministro do PSD o ónus pelo ruinoso negócio de Porto Rico. "Se não fosse a Biometrics, não estávamos aqui", disse, alegando que El-Assir, mediador do negócio, tinha ameaçado que, se a compra não se efectuasse, não apoiava um outro decisivo negócio.

"O papel do dr. Dias Loureiro no grupo SLN acabou como começou, ou seja, a criar problemas,

mas negando sempre estar envolvido na sua génese", sublinhou.

Numa declaração de 56 páginas - a audição prolongou-se por largas horas -, referiu ainda que Dias Loureiro saía antes do fim das reuniões, não ficando "para corrigir aquilo que agora diz que estava mal e que pretende ter-me dito vezes sem conta para corrigir".

Contou também que, em 2002, quando Durão Barroso ganhou as legislativas e formou Governo, o ainda conselheiro de Estado quis regressar à política activa e vender as acções do grupo, mas readquiri-las mais tarde. O que foi acertado entre ambos.

Na comissão de inquérito, o ex-presidente da SLN referiu ter dito a Dias Loureiro que não lhe renovaria o mandato, quando o mesmo

Cadilhe rejeita acusações

Miguel Cadilhe garantiu ontem que nunca teve nenhuma proposta efectiva ou credível para a venda do grupo BPN/SLN e rejeitou as acusações. "De modo nenhum, em consciência, me sinto Pilatos". A frase do ex-presidente do BPN e da SLN refere-se à personagem com quem o antigo banqueiro o comparou. "Oliveira e Costa não é Jesus Cristo", rematou Cadilhe. No seu longo depoimento de ontem, Oliveira Costa deixou um recado no ar: "Eu sei mais do que disse".

disse aos deputados estar deseioso de sair dessas funções.

Acusado de ter abortado as três tentativas de venda do BPN foi o grupo dos quatro - Joaquim Coimbra, Almiro Silva, Neves dos Santos e Fernando Cordeiro -, a última das quais o seu sucessor à frente da SLN, Miguel Cadilhe, teve conhecimento. O ex-ministro das Finanças tinha dito que as propostas eram vagas.

"O dr. Cadilhe, que poderia ter tido uma atitude moderadora, preferiu silenciar o que sabia e comodamente optou por lavar as mãos como Pilatos", disse, por não ter convencido os accionistas a aceitar a última oferta.

Oliveira e Costa aludiu a um acordo secreto entre estes accionistas - dois ou três dos quais, admitiu, tinham contas de crédito no Banco Insular (BI) de Cabo Verde - para o levar a sair da presidência.

Apesar das inúmeras perguntas dos deputados, Oliveira e Costa não respondeu se os técnicos do BP conseguiriam apurar negócios ruinosos e a existência do BI com base nos documentos que lhes foram disponibilizados.

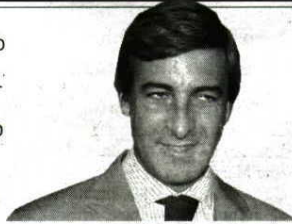
O estatuto de arguido serviu a Oliveira e Costa para ocultar certos pormenores, por exemplo, os de uma reunião que manteve com o Governo.

O JN tentou, sem êxito, obter, ao longo do dia de ontem, reacções de Dias Loureiro e de Joaquim Coimbra.

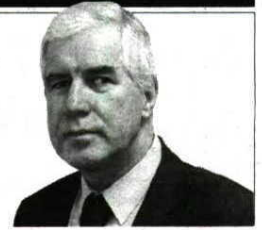




“Os depoimentos têm sido sobre fait-divers e este depoimento foi particularmente deprimente e não prestigiou ninguém, muito menos a própria Assembleia da República”  
**José Luís Arnaut**  
PSD



“A questão que ainda subsiste é saber se houve ou não actos ilícitos. Se o BPN tivesse sido vendido, passava-se uma esponja sobre toda a actividade criminosa?”  
**Honório Novo**  
PCP



DIAS LOUREIRO

## Saída do Conselho de Estado sugerida mesmo pelo PSD

→ O presidente da República deverá pedir a Dias Loureiro para sair do Conselho de Estado, caso o conselheiro não tome a iniciativa? A Oposição que insiste na saída do ex-administrador do BPN do órgão consultivo de Cavaco Silva, José Luís Arnaut responde que a responsabilidade cabe ao próprio. “Isso é pressão para causar embaraço” ao chefe de Estado, defendeu, ontem à noite, na SIC Notícias, o dirigente do PSD.

Se estivesse no lugar de Dias Loureiro, o ex-ministro de Durão Barroso, “teria, obviamente, suspenso funções até a poeira assentar. Não me demitiria por estar de consciência tranquila”.

Já Paulo Rangel, cabeça de lista às eleições europeias, que no



Dias Loureiro perdeu apoio do PSD

início do mês defendeu a saída de Dias Loureiro, para evitar “constrangimentos” ao presidente da República, reafirmou, ontem, ao JN, “manter, por inteiro, o que pensava”.

A Oposição também insiste na saída de Dias Loureiro do Conselho de Estado.

“Tenho estima pessoal por Dias Loureiro”, mas “se estivesse no lugar dele há muito que tinha deixado o Conselho de Estado”, afirmou o deputado do PS António José Seguro, não deixando de sublinhar que o convite foi feito pelo presidente da República. Já Honório Novo, do PCP, apesar de considerar que as condições de manutenção de Dias Loureiro estão “há muito reduzidas drasticamente”, alega que o cargo é “inamovível” e, por isso, a decisão só lhe cabe a ele.

Francisco Louçã, do BE, não hesita: “Há muito tempo que não tem condições” para continuar, porque “há muitos meses que está confirmado que foi protagonista de negociações com um conhecido traficante de armas, que tem um mandato de captura em Espanha”, retorquiu, referindo-se a Abdul Rahman El-Assir. ■

JOAQUIM COIMBRA

## De Tondela, gere negócios de mais de 220 milhões

→ Joaquim Alberto Vieira Coimbra, 58 anos, dirige, a partir de Campo de Besteiros (Tondela), a JVC Holding, que detém ou participa em meia centena de empresas que, em conjunto, facturam mais de 200 milhões de euros.

O investimento na Banca e participação na Sociedade Lusa de Negócios (holding que detinha o BPN até à nacionalização do banco) são apenas parte dos negócios deste multifacetado empresário.

A indústria farmacêutica (negócio dos genéricos através da marca Labesfal que, entretanto, já vendeu), a Comunicação Social (aplicou, no ano passado, 1,5 milhões de euros no semanário “Sol”), o turismo, a energia, a refrigeração e painéis isotérmicos, a tecnologia e a agro-indústria são outras actividades em que a JVC tem fortes interesses.



Joaquim Coimbra está debaixo de fogo

Desde Fevereiro último, controla a Global Wines, depois de ter acordado com os acionistas fundadores da Dão Sul a cedência das suas participações (33%), que juntou aos 50% de acções que já detinha.

Nascido e criado até aos 16 anos em Campo de Besteiros, Joaquim Coimbra abandonou a terra natal para cumprir serviço militar em Moçambique, voltando a instalar-se no concelho de Tondela com a família e os negócios nos quatro cantos do Mundo. Tem dois filhos e é adepto do F. C. Porto.

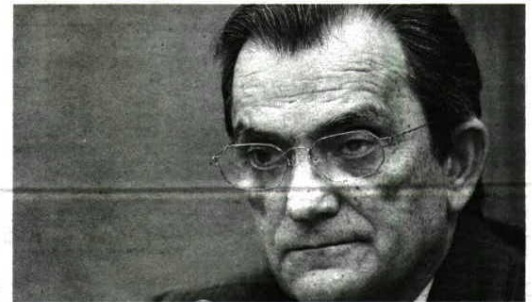
Militante do PSD, pertenceu a

**Empresário multifacetado e militante do PSD, controla, através da JVC, negócios milionários**

direções de vários órgãos do partido, incluindo da Direcção Nacional.

Em Novembro do ano passado, demitiu-se da Comissão Política Nacional de Luís Filipe Menezes, na sequência de declarações do ex-presidente do PSD referentes às ameaças de que alega ter sido vítima, por ter avançado com um inquérito à supervisão do Banco de Portugal às actividades da banca. ■

## PERGUNTAS & RESPOSTAS



### Quanto dinheiro foi injectado pelo Estado no BPN?

Até Janeiro, o Estado tinha injectado 1,4 mil milhões de euros no BPN, segundo Norberto Rosa, administrador do banco. Nessa altura, garantiu, o buraco financeiro ascendia a 1,8 mil milhões, muito acima dos 750 milhões detectados aquando da nacionalização, já que tinham ficado de fora a avaliação de imóveis, as seguradoras e três bancos: o BPN Cayman, a Instituição Financeira Internacional (IFI, filial do BPN em Cabo Verde) e o Banco Insular, também de Cabo Verde.

### O que levou à nacionalização?

A crise financeira terá sido a gota de água que fez afundar o BPN. Na base da falência iminente esteve o buraco nas contas, decorrente de negócios que Vítor Constâncio, governador do Banco de Portugal, classificou como “conjunto vasto de operações clandestinas” e que envolveram “centenas de milhões de euros”. A primeira opção do Governo foi tentar convencer outros bancos a comprar o BPN; mediante a recusa, e vetando a proposta de reestruturação avançada pelo então presidente do BPN Miguel Cadilhe, avançou-se para a nacionalização. Assim se evitou a “situação iminente de ruptura de pagamentos”, disse o ministro das Finanças, o que poderia levar quer à falência do banco, quer a uma corrida a depósitos, iniciada no BPN e que poderia alastrar a outras instituições.

### Que papel tem desempenhado o Banco de Portugal?

Até que ponto o Banco de Portugal podia ou devia ter descoberto o “caso de polícia” em que o BPN se transformou é um dos assuntos mais questionados. Constâncio e a equipa

de supervisão têm defendido que seria impossível descobrir estes negócios sem denúncia interna. Mas continua sem resposta a “paciência” demonstrada pelo supervisor perante os “atrasos” nas respostas do BPN aos seus pedidos de esclarecimento. Abdul Vakil disse que, quando substituiu Oliveira e Costa na presidência do banco, encontrou 157 perguntas do BdP a aguardar resposta. O próprio Constâncio dizia que o BPN respondia “aos poucos e com relutância”. Miguel Cadilhe foi uma das vozes críticas, ao falar de uma “falha clara de supervisão”.

### O que é o Banco Insular?

Não restam dúvidas, hoje, de que o Insular faz parte do universo BPN, contribuindo com 360 milhões de euros para o buraco do grupo. Mas, até há cerca de um ano, este banco caboverdiano era clandestino, sendo tratado pelo BPN como um balcão virtual, instalado em dois computadores (um deles portátil). Não aparecia nas contas do BPN e era usado, alegadamente, para dar empréstimos, nem sempre cobrando o pagamento. Era neste banco que, alegadamente, Oliveira e Costa tinha uma conta bancária, chamada A1, e da qual retiraria dinheiro, mas sem lá ter alguma vez ter feito depósitos ou assinado contratos de financiamento.

### Que uso era dado às “offshores”?

Um relatório de Outubro indicava que o BPN controlava 94 “offshores”, que tinham gerado perdas de 750 milhões de euros. Estas sociedades eram utilizadas para negócios alegadamente ilegais ou, pelo menos, ruinosos para o grupo, como a compra de empresas em Porto Rico que terão dado um prejuízo de dezenas de milhões de euros. ■